

DZI CROQUETTES (2009), por Tatiana Issa e Raphael Alvarez

Julia Porchat Knudsen<sup>1</sup>

Dzi Croquettes é um documentário de 2009 com direção de Tatiana Issa e Raphael Alvarez, e produção da TRIA Productions e co-produção do Canal Brasil. O documentário revive a história do grupo homônimo de atores dançarinos que nos anos 1970 participavam do circuito da contra cultura brasileira. Com uma estética andrógina e psicodélica e possuidores de um humor sarcástico e transgressor, romperam radicalmente com padrões de gênero, sexualidade, desafiando a Ditadura Militar, que governava o país. As apresentações, iniciadas em 1972, fizeram grande sucesso ao tirar ironizar o Regime e a tradicional sociedade brasileira.

O filme reúne 45 depoimentos de integrantes do grupo, amigos e apreciadores do trabalho, que falam de suas lembranças e do significado de ser Dzi Croquette: sua visão de mundo, o fazer artístico, a fama, as relações humanas e a resistência política e cultural. O grupo fez muito sucesso na Europa também, criando uma base de fãs cativa, especialmente em Paris.

Dentre esses 45 entrevistados estão o diretor norte americano Ron Lewis, Gilberto Gil, Nelson Motta, Marília Pêra, Ney Matogrosso, Betty Faria, José Possi Neto, Miéle, Aderbal Freire Filho, Jorge Fernando, César Camargo Mariano, Elke Maravilha, Cláudia Raia, Miguel Falabella, Liza Minnelli, Pedro Cardoso, Norma Bengell. Os integrantes originais do grupo que falaram foram: Claudio Tovar, Ciro Barcelos, Bayard Tonelli, Rogério de Poly e Benedito Lacerda.

Quando os entrevistados são solicitados para definir o grupo das 13 Dzi Croquettes<sup>2</sup> em uma palavra, o sentido que prevalece nas respostas é o sentimento de liberdade e o da revolução de padrões. Djalma Thurler, pesquisador pela Universidade Federal da Bahia escreveu, em 2011, artigo intitulado “Dzi Croquettes: a instabilidade como imperativo, o hibridismo como riqueza”<sup>3</sup>. Nele, há a seguinte tentativa de esclarecimento sobre o que é ser uma Dzi Croquette:

---

<sup>1</sup>Bolsista de Iniciação Científica CNPq, sob a orientação do prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar” (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7). Texto escrito em 2016. <sup>2</sup>Saúde: Wagner Ribeiro, Benedito Lacerda, Bayard Tonelli, Rogério de Poly, Ciro Barcelos, Claudio Tovar, Pedro Cardoso, Miguel Falabella, Liza Minnelli, Norma Bengell, Cláudia Raia, Elke Maravilha, Jorge Fernando, Aderbal Freire Filho, Ney Matogrosso, Marília Pêra, Gilberto Gil, Ron Lewis, Lennie Dale.

<sup>3</sup> THURLER, Djalma. “Dzi Croquettes: A instabilidade como imperativo, o hibridismo como riqueza”. *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades* (Online), v. 40, p. 01-01, 2011. (Disponível em: [http://www.cime2011.org/home/panel6/cime2011\\_P6\\_DjalmaThurller.pdf](http://www.cime2011.org/home/panel6/cime2011_P6_DjalmaThurller.pdf) último acesso 12/12/2016).

O formato da ambiguidade dado à apresentação doava-lhe um sentido para além do esvaziamento de conteúdo imediato; suas verdades, ditas de modo irônico, duvidoso, jocoso, realçavam e reforçavam a instabilidade do terreno que sustenta os nossos valores, objetivos, sentidos, conceitos. Sua marca é o movimento; fazer contato com os Dzi é ser movido, mexido. Em outras palavras, uma das tantas marcas passíveis de ser encontradas nos Dzi é o trânsito.

Ao optar pela ambiguidade, os Dzi lançam um espetáculo de aparência ingênua que não poderia ser censurado em razão da falta de parâmetros para tanto. Eles disseram tudo e nada. Numa época de rigidez e intolerância, eles criaram um espaço (público) no qual poderiam ser livres.

Na estrutura narrativa do documentário, todos os aspectos da vida das Dzi Croquettes são lembrados através de tópicos, assim como um por um dos integrantes é comentado por todos os entrevistados. Cada um tinha um apelido da época, divertido, como Lotinha (Carlos Machado) ou Paoletti (Paulo Bacellar), por exemplo. Essa diversão farsesca era característica do grupo, como afirmam Bruno Duarte e Marcio Debellia:

Os números do grupo, criações coletivas que mesclavam elementos das revistas musicais e dos shows de cabaré, borravam as linhas que dividem o masculino e o feminino, abusavam do duplo sentido e se apropriavam dos tons da farsa. A brincadeira começa no nome do grupo que surge na mesa do bar, onde Dzi joga com a má pronúncia do artigo definido inglês the, mais o trocadilho entre a figura das elegantes moças francesas, as coquetes, e os aperitivos em cima da mesa - daí Croquettes.<sup>4</sup>

Lennie Dale - Leonardo da Ponzina - o integrante mais polêmico e talentoso, é americano naturalizado no Brasil. A rigidez e profissionalismo de Lennie em relação à dança e coreografias é muito lembrada nos depoimentos. Vários membros do grupo atribuem a ele a função essencial de ter transformado “um monte de mocorongs em bailarinos profissionais”.

Esteticamente o documentário entrelaça os depoimentos com vídeos de arquivo das apresentações, dos bastidores dos shows, das viagens feitas pelo grupo e de fotos dessas trajetórias. Interligando esse material há a narração em voz over pela diretora do filme, que estava inserida nesse universo por ser filha de Américo Issa, cenógrafo e iluminador do grupo de 1976-1980, e que também morou com eles nas casas que dividiram entre o grupo todo. A trilha musical carrega clássicos da MPB da época, com músicas de Chico Buarque e Novos Baianos.

---

<sup>4</sup> DUARTE, Bruno e DEBELLIAN, Marcio. “Dzi Croquettes: ainda há muito o que aprender com eles”, Saraiva Conteúdo, 17/07/2010. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10357>, acesso em 14/12/2016.

A sua sequência de abertura merece atenção especial por concentrar muitos elementos que serão retomados ao longo do filme. Já nos créditos escutamos a voz efeminada de um dos integrantes do grupo, fazendo piadas sobre os idiomas falados por eles e os hippies enquanto está deitado em um chão de bolinhas coloridas. Entra o símbolo da produtora, cuja imagem de fundo é um homem inteiro maquiado de mulher, azulado. Em seguida aparece Lennie, com roupas justas de dança, ensaiando uma coreografia: ele conta até oito em inglês e diz para os outros acompanharem o “papai”.

O título *Dzi Croquettes* surge, colorido e brilhante, na frente de uma tomada de performance do membro do grupo Ciro Barcellos, em 2008, sob um palco, sozinho, vestido de mulher e sentado em uma cadeira, coreografando para uma audiência que não vemos. Ele dança e dubla a música que toca – *Goodnight, ladies*, de Lou Reed. A sequência é bruta e substituída por vídeos de perseguições da ditadura nas ruas em preto e branco, com os dizeres na tela de que em 31 de março de 1964 a ditadura derrubou o governo João Goulart e as Forças Armadas tomaram conta do país. O som da música foi trocado por sirenes, gritos e outros barulhos de caos. Esse modelo de intercalar a apresentação de Ciro com imagens que evocam a ditadura continua, contando ao espectador o contexto repressivo instaurado pelo golpe, que se acentua com o AI-5, momento em que a violência praticada pelo Estado se acentua. Nessa hora, entram imagens das Dzi se maquiando ao som artificial de bombas e sirene, até que eles somem e entra, pela primeira vez, a voz over de Tati, co-diretora do filme. Passam alguns vídeos dela pequena sobrepostos a um holofote, provavelmente fazendo alusão a seu pai, iluminador dos espetáculos. Somos informados que, desde pequena, ela acompanha o grupo de perto desde pequena. Apesar de não entender direito o que acontecia, sentia-se bem perto deles. Se Tati estivesse triste, aborrecida ou preocupada, eles recomendavam que fechasse os olhos, pois assim tudo iria passar. Entram fotos dela na infância com o pai. Quando ela termina de falar, inicia-se uma curta sequência de sobreposições das imagens de arquivo que se referem ao período da ditadura militar em vídeo preto e branco, alternadas com uma filmagem colorida de uma apresentação das Dzi Croquettes, todas fantasiadas no palco. Depois, fotografias também em P&B de perseguições e brigas entre civis e militares passam enquanto toca a música *Roda Viva* – aparecem inclusive fotos de Chico e Gil em passeata protestando contra a situação política. Intercala-se a isso depoimentos de figuras mais conhecidas do grande público, como

Marília Pera, Ney Matogrosso, Nelson Motta, Eike Maravilha, etc. Esses depoimentos reforçam o clima de hostilidades que as imagens mostram. Continua nessa crescente de tensão com os relatos de violência até a fala de Ney Matogrosso: paradoxalmente, nessa época, estava nascendo no Rio as Dzi Croquettes. A tela, então, é ocupada por um show do grupo, que termina com um plano de Lennie dizendo “Life is a Cabaret”. Entra o título novamente, agora com os dizeres: *Censurado* abaixo. Um adendo sobre o espetáculo: o Serviço Nacional de Teatro chegou a proibir a peça por um mês, mas as Dzis conseguiram reverter a sentença, como sabemos pelo filme. Essa condução da sequência condensa saídas estéticas que estarão presentes ao longo do filme inteiro.

Chama atenção para quem assiste o documentário o impacto no exterior das Dzi Croquettes. Elas falavam inglês, como Lennie, nova iorquina de nascença, e algumas francês, apresentando-se assim na Europa e nos EUA. Sinal desse reconhecimento é o depoimento de Lisa Minelli, que realça a originalidade do grupo.

O momento mais emocionante, talvez por destoar da alegria do resto do filme, é quando, no final, eles relembram um por um dos membros que já morreram, e todos precocemente – 8 no total. Foram 4 em virtude da AIDS, um de aneurisma e três assassinados de maneira brutal.

Depois desse momento triste e melancólico, a diretora faz um encerramento com depoimentos que ressaltam a mudança provocada pelas Dzi Croquettes no cenário cultural. Como afirmam Bruno Duarte e Marcio Debellian,

Libertários, transgressores e propagadores das tendências que impulsionariam as gerações futuras, o Dzi Croquettes *way of life* ainda parece ter muito a ensinar. O olhar infantil de Tatiana gravou a impressão de que o que eles deixavam transparecer era: “Não somos homens, nem mulheres, nós somos gente.” Este simples conceito seria o fim de muitas discussões que permanecem até os dias de hoje, e mostra que o espírito vanguardista dos Dzi Croquettes ainda não foi completamente assimilado.<sup>5</sup>

Posteriormente ela faz uma atualização sobre a história posterior dos membros do grupo, o que fizeram e onde estão. Retorna às suas memórias como criança na forma da voz over e comenta sua felicidade em conviver com aquelas pessoas cheias de vida e sem amarras no interior. Faz então uma retrospectiva com aqueles que já faleceram, indicando as datas de morte. Conforme disse que seu pai lhe ensinou “bicha não morre, vira purpurina”.

---

<sup>5</sup> *Idem, ibidem.*

O filme foi um dos documentários mais premiados do país, tendo recebido os seguintes prêmios, dentre outros<sup>6</sup>: Grande Prêmio do Cinema Brasileiro - Melhor Documentário Voto Popular, LONDON Brazilian Film Festival – Melhor Documentário Voto Popular, IN-EDIT Int'l Documentary Film Festival – Melhor Documentário e 33º Mostra Internacional de São Paulo (33th São Paulo Int'l Film Festival) - Dzi Croquettes- Melhor Documentário Grande Prêmio do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores - MRE).

---

<sup>6</sup>Cinema: o premiado documentário sobre a "tribo" Dzi Croquettes, resenha por Juliana Damasceno para GGN: O Jornal de Todos os Brasis, DOM, 13/07/2014. (<http://jornalgnn.com.br/noticia/cinema-o-premiado-documentario-sobre-a-tribo-dzi-croquettes> último acesso em 13/12/2016).